

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NILTONCI BATISTA CHAVES

**PERCURSOS DE UM HISTORIADOR: HISTÓRIA LOCAL, IMPRENSA E INTELLECTUAIS
(HUGO REIS 1908/1924)**

PONTA GROSSA
2019

NILTONCI BATISTA CHAVES

**PERCURSOS DE UM HISTORIADOR: HISTÓRIA LOCA, IMPRENSA E INTELLECTUAIS
(HUGO REIS 1908/1924)**

Texto apresentado como requisito parcial
para ascensão à categoria de Professor
Associado na Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

PONTA GROSSA
2019

RESUMO

O presente texto, apresentado como requisito parcial para ascensão à categoria de professor Associado na Universidade Estadual de Ponta Grossa se estrutura a partir da trajetória do autor na UEPG e de seu percurso de aproximação das discussões relacionada a história local, ao uso de jornais como objeto e fonte de pesquisa e a história intelectual. A figura de Hugo Reis, jornalista carioca que viveu em Ponta Grossa entre 1908 e 1924 e que teve grande influência no campo do jornalismo, é aqui concebida a partir do conceito de intelectual regional. Seu ecletismo, o autodidatismo, o envolvimento com outros campos (como o espiritismo e o associativismo operário) são explorados ao longo do texto. Por fim, o uso de documentação inédita produzida por Reis é merecedora de destaque.

Palavras-chave: história local, imprensa escrita, jornal, trajetória, intelectual.

SUMÁRIO

1. Inquietações e reflexões iniciais.....	05
2. Hugo Reis: Um intelectual regional e suas práticas discursivas em Ponta Grossa (1908/1924).....	15
3. Novos corpos documentais, novas descobertas.....	23
3.1 Os interlocutores.....	25
4. Considerações.....	36
5. Notas.....	38
6. Anexos.....	40

PERCURSOS DE UM HISTORIADOR: HISTÓRIA LOCAL, IMPRENSA E INTELLECTUAIS

(HUGO REIS 1908/1924)

Niltonci Batista Chaves¹

1. Inquietações e reflexões iniciais

A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.

Raphael Samuel (p.220)

Sou um historiador da história local e assim me defino a partir das observações feitas pelos historiadores Raphael Samuel e Pierre Goubert que escreveram sobre essa temática no final da década de 1980. O primeiro afirma que estudar a história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele que é exigido do historiador que se dedica, por exemplo, a uma história nacional. É certo que a afirmação feita por ele no mesmo texto de que a História local “ainda está circunscrita a um grupo de entusiastas”, que já não se sustenta nos dias atuais por conta das mudanças observadas no campo da História nestas últimas três ou quatro décadas, nas quais os estudos sobre a história local tiveram um forte avanço. Porém, compreendo que o clássico texto de Samuel continua preciso quando enfatiza que é essencial ao historiador da história local a sensibilidade para perceber que muitas vezes os acontecimentos estão circunscritos a um conjunto de relações mediadas por questões espaciais, institucionais, familiares, sentimentais e pessoais.

Já o segundo historiador argumenta que pensar o local (ou uma história local) é algo que pode ser compreendido como o estudo a respeito de uma aldeia, de uma cidade –

pequena ou grande –, ou mesmo uma área geográfica que não seja superior a uma land alemã ou um country inglês. Conceitos como local, comunidade ou espaços estão presentes na história, na geografia e na sociologia e é mister destacar que eles carregam uma historicidade. Isto é, a noção de lugar ou local, por exemplo, pode ser concebida de maneiras diferentes entre um geógrafo e um historiador.

Minha relação visceral com a produção de uma História local nasceu no momento em que me tornei docente do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, há mais de três décadas. Esse processo, contudo, não foi individual. Me compreendo integrando uma geração de professores que, na virada da década de 1980 para a de 1990, passou a compor o Departamento de História da UEPG. Essa geração elegeu Ponta Grossa e a região dos Campos

Gerais como objetos privilegiados de seus estudos, o que resultou em um incremento considerável do número de pesquisas acadêmicas e na ampliação das abordagens feitas por esses historiadores, em consonância com as já citadas mudanças no campo da história possibilitadas, por exemplo, pelo avanço da Escola dos Annales, pela história social e pela história cultural.

Ao longo dessas três últimas décadas, por maiores que fossem as mudanças no campo da história, os historiadores continuaram a exercer um papel que sempre deles se esperou, qual seja, o de ajudar as pessoas a se perceberem dentro da história e perceberem que a história se faz em cada novo momento ou contexto. No entanto, nesse mesmo período, ficou evidente que ao historiador não era mais permitido se fechar em seu campo de conhecimento específico. Ficou evidente a necessidade do historiador dialogar com áreas afins, como a psicologia, a arqueologia, as artes, a literatura, a antropologia, a geografia, a sociologia, etc., premissa essencial para a construção de novas interpretações, de novas abordagens, de novas problematizações. *Pari passu* Michel de Certeau, destacou que a produção da história é uma operação que se constrói a partir da relação entre um lugar, os procedimentos de análise e a construção de um texto.²

Compreendo que o papel do historiador que se dedica a pensar uma história local nos dias de hoje é o de perceber que esse espaço constitui um ambiente social característico na medida em que o espaço da cidade é o palco onde os sujeitos (ou atores sociais) se reconhecem mutuamente e no qual as relações públicas e privadas muitas vezes são separadas por uma linha tênue. Como destaca Pierre Mayol ao falar da norma de conveniência construída no espaço do bairro (aqui compreendido como similar ao de uma pequena cidade):

A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – de identificação – que se estabelecem graças à proximidade, graças à coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos “práticos” se nos oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana.³

Minha aproximação com o estudo da história local teve início em 1990, ano que integrei uma pesquisa departamental denominada “O Povo Faz a História: Ponta Grossa 1920-1940”. Instituída com objetivo de aproximar o grupo de jovens historiadores que então passou a compor o Departamento de História de objetos de pesquisa que, posteriormente, viriam a ser estudados em trabalhos de mestrado e doutorado, esse projeto foi fundamental para minha primeira grande incursão sobre fontes da história local, em especial o jornal.

Até a década de 1980 ainda soava estranho a ideia de um historiador se valer do jornal como fonte de suas pesquisas. Para Luca a tradição que perpassou o século XIX e chegou até o início XX era de que ao historiador competia a busca pela verdade dos fatos e, para tanto, ele deveria fazê-lo

... livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões.”⁴

Nessa ótica, eram consideradas fontes históricas apenas documentos produzidos por instituições oficiais – Estado, igrejas, escolas, cartórios, etc. – as quais, eram pretensamente produzidas sem influências ideológicas ou de grupos específicos. Sendo assim, o jornal, um documento produzido no seio da sociedade e portanto eivado de interesses e sentidos, não poderia ser compreendido como uma fonte histórica confiável. José Honório Rodrigues, em seu clássico Teoria da História do Brasil (1949), criticou duramente o uso de periódicos como

fonte, afirmando que os historiadores que se debruçavam sobre os periódicos acabavam por se limitar a reproduzir a narrativa dos jornalistas e, portanto, não chegavam “a verdade”.⁵

Nesse sentido, parece-nos fundamental perceber que atualmente compreendemos que o fato do historiador ser alguém que se dedica ao estudo do passado não significa que ele tenha pleno acesso ao acontecido, mas sem dúvidas ele pode, por meio das fontes e dos suportes teóricos, ter acesso às representações desse passado. Para o Pesavento, as representações não são cópias fiéis do “passado”, mas imagens plausíveis desse passado, as representações são, portanto, portadoras do simbólico, contêm sentidos ocultos que foram construídos histórica e socialmente e que foram incorporados no imaginário coletivo, sendo papel do historiador interpretar e decifrar códigos implícitos daquilo que dá sentido às sociedades em um determinado contexto histórico.⁶

A percepção sobre o uso de jornais como fontes para historiadores começou a mudar na historiografia brasileira a partir da primeira metade da década de 1970, especialmente a partir do texto de Arnaldo Contier (*Imprensa e Ideologia em São Paulo*, 1973) que inovou ao aproximar a história da linguística e da semântica como metodologia para compreender a produção de jornais do período imperial, especialmente no tocante as questões políticas do século XIX. Pouco depois outras produções importantes como, o livro “*O Bravo Matutino - Imprensa e ideologia: O Jornal O Estado de São Paulo*”, de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, publicado em 1980, e o artigo “*História Através da Imprensa – Algumas considerações Metodológicas*”, escrito por Renée Barata Zicman na *Revista História e Historiografia* no ano de 1985, tiveram um papel preponderante no que respeita a percepção de que, desde que problematizado, o jornal pode ser considerado e utilizado como uma fonte de pesquisa por parte dos historiadores.

Essa inflexão no campo da história com relação a validade do uso do jornal como fonte de pesquisa ocorreu quase no mesmo momento em que iniciei minha trajetória como pesquisador na UEPG e fez com que eu me interessasse pela produção discursiva do *Diário dos Campos*, jornal que nasceu em 1907 com o nome de “*O Progresso*” e que se tornou o primeiro periódico de vida duradoura na cidade.

A aproximação da fonte se deu pela escolha daquele que foi o meu primeiro objeto de pesquisa: os trabalhadores (urbanos ponta-grossenses). Tal opção, de certa forma, foi geracional. Entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, a historiografia brasileira foi marcada por uma forte tradição de estudos sobre esse objeto. Carone, Fausto, Basbaum, Werneck Sodré, De Decca, Foot Hardman figuram entre alguns dos cânones no campo historiográfico brasileiro

que voltaram seus olhares para os trabalhadores sob as mais diferentes abordagens. Tais historiadores fizeram parte de minha formação desde a graduação e despertaram meu interesse sobre o tema.

Fiz isso considerando que assim como qualquer corpo documental, o jornal se apresenta como uma fonte que deve passar pelo crivo do historiador e que este deve submeter tal fonte ao processo da hermenêutica, isto é, da sua interpretação, da percepção de que assim como qualquer outro documento, ele vem carregado de valores e sentidos, que adota estratégias discursivas próprias, que atua na construção de imaginários, que representa grupos e interesses específicos, que é apenas uma voz no conjunto das vozes que dão sentido e/ou constroem os imaginários coletivos, que legitimam, mobilizam e criam normas em um determinado conjunto social. O jornal, enquanto fonte, auxilia o historiador naquilo que podemos definir como processo de “construção” da realidade (conceito compreendido tal qual o concebe Peter Berger).

Alguns dos trabalhos que me inspiraram nesse momento utilizaram os jornais como fontes, notadamente os periódicos que foram produzidos pelos próprios trabalhadores no início do século XX e que estavam, em parte concentrados no Centro de Documentação e Memória da Unesp, no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp e nos Arquivos Mário Pedrosa, indicando claramente a possibilidade de se estudar o movimento operário do início dos Novecentos a partir de periódicos.

Em Ponta Grossa, cidade que concentrou um considerável número de trabalhadores urbanos no começo do século passado, se registrou um grau considerável de organização por parte desse segmento e a participação de cerca de 1000 trabalhadores na greve geral de 1917. Se não existem arquivos que possuam jornais produzidos pelos próprios trabalhadores ou seus órgãos de agregação, havia um jornal de circulação aberta que podia contribuir com essas discussões. Ocupando posição central na redação do jornal Diário dos Campos estava Hugo Mendes de Borja Reis, carioca radicado em Ponta Grossa desde 1908 e que, entre outras coisas, criou a Sociedade Operária Beneficente (1911) e comandou o movimento grevista de 1917 em solo ponta-grossense. Mais do que isso, Reis era presidente honorário da Sociedade Operária, presidiu o movimento paredista em Ponta Grossa e utilizou o Diário dos Campos como tribuna para dar vez e voz aos trabalhadores nesse conturbado momento. Além de trazer notícias da greve em todo país, Hugo Reis descreveu minuciosamente os atos da greve na cidade e transcreveu todas as atas da Sociedade Operária no jornal durante o período de 10 dias, tempo que durou a paralisação.

Mesmo o Diário dos Campos não sendo um órgão de classe, as informações e pistas encontradas no jornal foram suficientes para indicar a forma de organização, os embates e negociações com autoridades e patrões, as condições de vida e até mesmo as divisões político-ideológicas no seio do movimento paredista. A partir dessa pesquisa inicial elaborei um capítulo a respeito dos trabalhadores ponta-grossenses para integrar o projeto de pesquisa “O Povo Faz a História”, o qual ingenuamente denominei “A classe operária em Ponta Grossa na década de 1910” (1991), escrevi meu Trabalho de Conclusão de Curso na Especialização em Políticas Sociais (UEPG/UNICAMP), intitulado “A greve de 1917 em Ponta Grossa” (1993) e, por fim, elaborei o projeto de mestrado aprovado, em fins de 1994, na seleção da Unesp/Assis que (novamente de forma ingênua) chamei de “A classe operária em Ponta Grossa na década de 1930”.

Apesar de aprovado com o projeto citado, minha trajetória na Unesp/Assis (1995-1998) ocorreu em um momento em que a História Cultural era apresentada como o caminho a ser seguido pelos historiadores naquela virada de século. Graças as disciplinas, leituras e orientações com as quais tomei contato, defendi minha dissertação com o título “Discursos e Representações Sociais no jornal Diário dos Campos: Ponta Grossa/PR – década de 1930”, ou seja, transitei de um projeto inicial pautado na perspectiva de estudar aquilo que classificava como movimento operário em Ponta Grossa para uma abordagem hegemonicamente culturalista, preocupada e compreender os discursos e as representações produzidas nas páginas do periódico ponta-grossense na década de 1930. O jornal tornou-se, ao mesmo tempo, minha fonte e meu objeto de pesquisa. Sua riqueza, aliada às novas possibilidades de pesquisa que descobri ao longo dos três anos do mestrado, me fez abandonar a proposta inicial e ampliar meus horizontes. Desde então o jornal se tornou uma fonte privilegiada para as pesquisas que passei a produzir sobre a história local.

Porém, foi somente a partir do final da década de 2010, mais precisamente no decorrer do doutorado no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, em especial pela influência do professor Carlos Eduardo Vieira, que me interessei pela discussão a respeito da história intelectual.

Em texto produzido em co-autoria com o historiador Erivan Cassiano Karvat no ano de 2013, enfatizamos que as observações feitas por Jean-François Sirinelli no final da década de 1980 de que naquele momento havia um interesse crescente em torno das temáticas ligadas aos intelectuais e a história política dos intelectuais acabaram por se confirmar nas décadas seguintes. Observamos:

Transcorrido um quarto de século desde sua observação – à época, então, recente – cremos poder, hoje, caracterizar o interesse apontado pelo historiador francês como algo consolidado ou consagrado. Neste sentido, convém notar que ocorreu uma ampliação significativa em torno da temática e, principalmente, viu-se o revigoramento em torno da temática e, principalmente, viu-se o revigoramento da História Intelectual.⁷

Nesse texto evidenciamos uma renovação dos interesses a respeito da figura do intelectual, da história de intelectuais e da história intelectual, assim como de suas respectivas circulação, recepção, apropriação, agentes e atores.

Preocupados em produzir uma aproximação entre as questões relativas à história local e a história intelectual, vaticinamos:

Assim, se “precisamente” o “gesto de historiador” é aquele que vincula – ou, diríamos, restitui – as ideias aos seus devidos lugares, conforme expressão notável de Michel de Certeau, faz-se necessário romper com as apresentações modelares em torno da produção das ideias e, mais, problematizar tal produção e, principalmente, sua circulação. Da mesma forma, faz-se necessário problematizar os chamados intelectuais, restituindo a tal expressão, e portanto, sujeitos/agentes/atores a sua devida e necessária historicidade, o que exige o reconhecimento da vinculação de todo discurso a um lugar (social/institucional). Entendemos desse modo, tributários das possibilidades que se abrem a partir desses campos (História Intelectual/História de Intelectuais) que se faz necessário e pertinente pensarmos aspectos e questões da História Local, inclusive acerca de sua própria *produção historiográfica* e, mesmo, da invenção de sua *Identidade*, a partir do reconhecimento, caracterização e contextualização da existência de grupos e indivíduos tomados como Intelectuais Locais: notadamente escritores, que se pautando em diferentes leituras, autores e referências participaram ativamente das discussões locais.⁸

Buscamos, nesse sentido, aproximar as discussões entre a história local e a história intelectual ou de intelectuais. Assim sendo, nosso interesse foi o de conceber uma noção do local e de sua legitimidade perpassando a produção intelectual de indivíduos ou círculos intelectuais. Reiteramos que

... (re)conhecer tais indivíduos e/ou círculos – e seus discursos – passa por uma possível história de intelectuais, a problematização em torno dessa *invenção de tradição/tradições*, seus usos, controle e instauração/*institucionalização*, diz respeito, prioritariamente, às possibilidades daquilo que estamos entendendo – e nomeando – de História Intelectual. Neste sentido, por fim, enfatiza-se o caráter de local abordado a partir de suas nuances simbólicas (e, portanto, culturais), resultante de jogos de diferentes discursos e que principalmente, implicam num *campo de forças*, pautado por diferentes discursos, representações e identidades – discursos, representações e identidades os quais orienta e por quais é, também, orientado.⁹

Foi na busca por essa conjugação entre a história local, o jornal como fonte de pesquisa para o historiador e a história intelectual que se projetou o nome de Hugo Mendes de Borja Reis. Desde meu primeiro contato com o Diário dos Campos, há quase 30 anos, Hugo Reis se fez presente, porém, em razão das especificidades das pesquisas realizadas nessa fonte – e mesmo pela não percepção das abordagens e problematizações possíveis em torno dele – a sua figura e trajetória acabaram em segundo plano. Apesar de notar sua relevância para o contexto cultural de Ponta Grossa nas décadas iniciais do século XX, Reis nunca foi meu objeto privilegiado de investigação.

Compreendo ser bastante válido pensar a figura de Hugo Reis a partir do conceito de intelectual regional, tal qual o elabora Luis Rodolfo Vilhena. Estudioso do movimento folclorista da primeira metade do século XX, o sociólogo acabou por se deparar com um personagem bastante característico espalhado pelo interior do Brasil e para o qual forjou a definição de intelectual regional. Grosso modo, a não formação (acadêmica) em um campo específico do conhecimento, o autodidatismo e a polivalência foram traços comuns para esse intelectual. Ainda de acordo com Vilhena, tais figuras eram portadores de uma cultura erudita, se preocupavam com as grandes questões nacionais em torno da política e da identidade do povo brasileiro.¹⁰

Ao dirigirmos nosso olhar para Hugo Reis percebemos que ele possui tais características. Vejamos: Natural de Valença (RJ), ele nasceu no ano de 1884 em uma família de origem portuguesa ligada a atividade comercial e que mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro após seu nascimento. Na então capital da República ele transitou pelo universo cultural e intelectual carioca do período, não teve formação acadêmica, porém seus textos no Diário

dos Campos discorriam sobre temas diversos e pode-se dizer que foi ele quem trouxe uma característica de jornalismo cultural para o periódico ponta-grossense. Como redator literário do Diário dos Campos Reis passou a publicar textos de poetas e escritores como Charles Dickens, Victor Hugo, Machado de Assis, José de Alencar, Gustave Flaubert, Charles Baudelaire, entre outros, indicando o conhecimento e alinhamento de Reis com os cânones literários do período.

Nesse sentido, é possível identificar uma forte influência intelectual e literária de Victor Hugo sobre os textos de Hugo Reis. A defesa exacerbada da moralidade na vida política, a luta pela instrução pública, o combate às oligarquias da Primeira República presentes nos artigos escritos por Reis remetem à inspiração do escritor francês sobre o jornalista carioca.

Além disso, ele teve atuação intensa em campos que foram bem além do jornalismo, criando a Sociedade Operária – ele se autodefinia como socialista – e liderando a greve de 1917 na cidade (conforme já explicitado); fundando o Centro Espírita Francisco de Assis, coordenando o Segundo Congresso Espírita Paranaense (1912) e lançando a Revista Social do Espiritismo. Colaborou com a folha publicada pelo Centro Anticlerical de Ponta Grossa e editou dois jornais de cunho político e vida efêmera: O Escalpelô (em 1908 em parceria com Gigi Damiani) e A Vedeta (em 1912, com Vicente Postiglione). Ele ainda participou da organização e fundação do Centro Comercio e Indústria (mais tarde Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa). O engajamento em campanhas políticas nacionais, como a campanha civilista pró Rui Barbosa (1909-1910) e o seu envolvimento com a Guerra do Contestado e com a população atingida pelo conflito marcaram sua passagem por Ponta Grossa e, de certa forma, o enquadram no conceito de intelectual regional formulado por Vilhena.

Nos últimos anos, estudos no campo da história, do jornalismo e também das letras começaram a investigar aspectos específicos de Reis nos anos em que ele esteve em solo ponta-grossense. Discussões a respeito do seu vínculo com o espiritismo, com as causas operárias, com o campo do jornalismo foram produzidas no meio acadêmico a partir do início da década de 2010. Concomitante a esse processo de “descoberta” da figura de Hugo Reis, o acervo histórico do Museu Campos Gerais recentemente recebeu um conjunto de textos originais manuscritos por ele no período que vai de 1908 a 1924, tempo em que residiu em Ponta Grossa. Essa documentação estava em posse de seus descendentes que a enviaram para que fosse acervada na Universidade Estadual de Ponta Grossa e ainda não foi objeto de estudo.

É na conjugação entre minha trajetória como pesquisador da história local, na minha familiaridade com o uso do jornal enquanto fonte de pesquisa e da minha aproximação com as discussões da história intelectual, somados a existência de fontes (já exploradas e inéditas) que me proponho a pensar a eclética trajetória de Hugo Reis em Ponta Grossa percebendo-o como um intelectual regional (forma como a historiografia ainda não o interpretou) e tentando desvelar as representações e conexões criadas por ele na cidade.

2. Hugo Reis: Um intelectual regional e suas práticas discursivas em Ponta Grossa 1908/1924

Em uma de suas obras mais conhecidas – Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993 – o crítico literário Edward Said afirma que

... o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa – alguém que visivelmente representa certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo o tipo de barreiras. Meu argumento é que os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte, seja escrevendo, falando, ensinando...¹¹

Tomando tal assertiva como princípio, compreendemos que Hugo Reis foi uma das figuras mais representativas de Ponta Grossa nas três primeiras décadas do século passado e se valeu de espaços como o Diário dos Campos, o Centro Espírita Francisco de Assis, a Revista Social do Espiritismo, o jornal do Centro Anticlerical e a Sociedade Operária Beneficente para produzir uma série de discursos que, certamente, impactaram e foram absorvidos no imaginário coletivo local.

Uma das principais passagens do texto dedicado a ele pelo memorialista Epaminondas Holzmann em “Cinco Histórias Convergentes, um clássico da historiografia local, é a que trata do episódio que resultou na agressão física a Hugo. Na ocasião, os textos de Reis no Diário dos Campos a respeito de temas relacionados à ferrovia e seu engenheiro chefe provocaram debates intensos até o desfecho da agressão. Ao discorrer sobre o ocorrido, Holzmann recuperou uma frase que caracterizou a passagem de Hugo pelo jornalismo local:

Diante da marcha dos acontecimentos, Hugo dos Reis, em publicação de 8 de maio de 1909, frisou que nada tinha a ver com a discórdia entre O Progresso e o fiscal. Quanto aos comentários a propósito da questão de limites, reconhecia-os, com orgulho, como de sua autoria e responsabilidade, mesmo porque os editoriais haviam sido divulgados com sua assinatura – H. dos Reis. Além disso, o secretário agora escrevia: “Há poucas horas disse aqui ao colega Aldo Silva: um jornal que não agita a opinião não serve para nada” .¹²

Essa parece ter sido uma bandeira que acompanhou Hugo Reis por toda sua vida, seus textos tinham como característica um estilo panfletário, idealista e combativo. Ele se compreendia como alguém investido na condição de formador da opinião pública e entendendo sua atuação no campo do jornalismo como uma missão, algo típico dos intelectuais do período. Para Morel, essa é uma das características dos escritores, redatores e jornalistas dos fins do XIX e início do XX, pois o

... homem de letras, em geral visto como portador de uma missão ao mesmo tempo política e pedagógica. É o tipo de escritor patriota, difusor de ideias e pelejador de embates e que achava terreno fértil para atuar numa época repleta de transformações.¹³

Essa missão incorporada Por aqueles homens das letras é compreensível. O Brasil do início dos Novecentos era um país em busca de um agressivo processo civilizatório. O jovem Hugo Reis, que chegara em Ponta Grossa com 24 anos de idade, fez parte da geração de intelectuais que pensaram, mesmo que de forma elitista, um Brasil diferente do país do século XIX. Os fenômenos da urbanização e industrialização, claramente observados em Ponta Grossa naquele período, produziram um processo inédito de transformação do espaço urbano, dos ritmos e comportamentos socioculturais e os intelectuais que vivenciaram tais mudanças acabaram registrando o que viam diante de si. Ao tratar desse tema, Lilia Schwarcz escreveu que

A cidade surgia assim reformada – de forma física e moral –, ao mesmo tempo que se tornava mais corriqueiro questionar a existência de uma só via que levaria à civilização. Palco do conflito, a cidade era agora personificada pelas assim chamadas “camadas perigosas”, pelo movimento de reação “dos de baixo”, ou ainda “pelo barulho e mobilização das multidões”.¹⁴

É possível conceber que a trajetória pessoal de Hugo Reis que passou a maior parte da vida nas duas maiores cidades brasileiras do período – Rio de Janeiro e São Paulo – fez com que ele elaborasse uma ótica e uma percepção de mundos a partir da dimensão do urbano, valorizando os conhecimentos da ciência e os princípios de um saber acadêmico.

Questões filosóficas, políticas, raciais e comportamentais foram motivos de intensos embates naquele período e Hugo Reis não deixou de debatê-las. Assim como os demais intelectuais de sua geração, Hugo compreendia que era seu dever – enquanto integrante de uma elite bem pensante – consolidar ideias junto aos leitores de O Progresso/Diário dos Campos. Exemplo disso, sua intensa campanha pela disseminação do espiritismo em Ponta Grossa.

Apesar de presente no Brasil desde o século XIX, foi somente com a chegada de Reis que o espiritismo passou a ser disseminado na cidade. Compreendida como uma crença que dialoga com premissas filosóficas e científicas, o espiritismo era bastante difundido entre indivíduos letrados e que consideravam integrantes da elite intelectual brasileira do período.

Em contato com as fontes percebemos que em 1909 são encontrados os primeiros textos escritos por Hugo Reis a respeito do espiritismo. Em duas edições de junho daquele ano (dias 08 e 17) artigos do intelectual carioca traziam informações sobre o romance “Urânia”, escrito em fins do XIX pelo cientista Camille Flammarion, um dos grandes nomes do espiritismo europeu. Nesses artigos publicados no jornal ponta-grossense, Reis evidencia a presença da noção de progresso, do valor da ciência e do desenvolvimento humano no seio da obra de Flammarion e na própria doutrina espírita. Escreve:

Dado que aceitamos os factos inexplicados pela sciência, trazidos á baila nesta serie de três artigos assignados pelo alto espírito scientifico religioso de Camille Flammarion – como produzidos por um agente, conhecido, ou desconhecido, ao sabor das varias opiniões, somos forçados a distinguir a força physica da phychica de uma maneira inilludivel e insophismavel.¹⁵

Nessa mesma edição Hugo explicita sua afiliação ao kardecismo:

Sou espírita. Tendo coragem das minhas opiniões, digo-o alto e bom som, para que ninguém o desconheça e para que a sociedade onde eu vivo me receba tal qual sou. No entretanto acho que são respeitáveis as opiniões alheias e jamais as atacarei; é um dos pensamentos da doutrina espírita a negação absoluta do direito de atacar; acho que adaptando este processo a lucta pela vida, teríamos o socialismo e a sociedade cultural.¹⁶

De acordo com Arthur Isaia é certo que o espiritismo não propugnava pela causa da revolução socialista, mas defendia enfaticamente a ideia do estado laico e do direito amplo de cidadania para todos os grupos e classes sociais. Isso pode parecer contraditório na medida em que Hugo se autodefinia como socialista e, ao mesmo tempo, era adepto do espiritismo. Mas o contato com as fontes – e aqui me refiro ao jornal e também aos livros da Sociedade Operária – ajuda a resolver tal questão. Em nenhum momento, mesmo durante os enfrentamentos de 1917, Reis se posiciona em defesa de uma via que indique a luta de classes ou o alinhamento com um processo revolucionário.

Pelo contrário, o que se vê é uma negação enfática por parte de Hugo Reis a tais premissas, como evidenciam as atas da Sociedade Operária durante a greve em Ponta Grossa. Essas fontes apontam para um embate entre a linha conciliatória do movimento, liderado pelo jornalista, e alguns trabalhadores que optaram pelo enfrentamento ao Estado e a classe patronal, em especial por parte de Adolpho Paulista, alfaiate radicado em Ponta Grossa e que foi expulso do movimento por ordem de Reis.

Instaurada a greve, a Sociedade Operária se declarou em assembleia permanente e indicou Hugo Reis, seu fundador e presidente de honra, como condutor do movimento. Em nota publicada no Diário dos Campos em 24 de julho de 1917, três dias após o início da paralisação, Hugo, em nome da Sociedade, registrou:

A GREVE

A greve é um direito. Dentro da ordem e do protesto pacífico ninguém pode sofrer violências. Ninguém é obrigado a trabalhar quando não quer.¹⁷

No entanto, no momento da deflagração do movimento, os embates entre as visões de Hugo Reis e de Adolpho Paulista já indicavam as divergências entre eles que se acentuariam durante a greve. No dia 20 de julho a ata da Sociedade Operária, redigida sob orientação de Reis, trouxe a seguinte narrativa:

A's 16 horas e meia na Praça Floriano realizou-se um meeting, falando os operários Roxael Blanc e Frederico de Giorgi, e também o comerciante sr. Adolpho Paulista, muito conhecido pelas suas opiniões anarquistas nos meios libertários. Tentando o referido comerciante arvorar uma bandeira vermelha o

que faria degenerar uma greve pacífica e ordeira em uma franca revolução ou movimento subversivo, a polícia, com elementar bom senso, e bastante prudência, tomou a bandeira em questão, não querendo que a mesma fosse arvorada.¹⁸

Na Assembleia que deliberou pelo começo da greve Adolpho Paulista foi escolhido, junto com Frederico de Giorgi, Roxael Blanque, Luis Cavagnari, Alberto Ricetti, entre outros, para compor a Comissão de Grevistas. Porém, três dias após esse episódio, a ata da Sociedade Operária informou que Paulista foi expulso do movimento por determinação da direção da greve (leia-se Reis) acusado de ter desparafusado os trilhos da ferrovia:

... a comissão estava informada pelos operários da Estrada que tal feito não fora obra sua, porém, de anarquistas e outros elementos reacionários que se envolveram na greve, tanto que os próprios operários haviam demitido da comissão de grevistas o sr. Adolpho Paulista e proibido a entrada, na Sociedade Operária, de cidadãos exaltados que, não pertencendo à classe, comprometiam com os distúrbios e desordens, o sagrado interesse do operariado, acossado pela fome e pela carestia dos gêneros alimentícios.¹⁹

É possível compreender que a forma de agir de Adolpho Paulista não correspondia ao que Hugo Reis e outras figuras da sociedade ponta-grossense pensavam como forma de ação política, e isso fica claro nas decisões e nos textos escritos pelo jornalista. Na direção oposta à de Paulista, Reis aproximou do movimento grevista pessoas vinculadas ao núcleo político dominante na cidade e às famílias fundadoras de Ponta Grossa como Brasília Ribas, então prefeito da cidade, e Flavio Carvalho Guimarães, advogado, fazendeiro e comerciante local.

As páginas do Diário dos Campos e as atas da Sociedade Beneficente, ambas controladas por Reis, foram pródigas em noticiar como a ordem fora mantida na cidade durante os dias de paralisação:

Durante todos os dias da greve funcionou a luz, o abastecimento de água e esgotos, várias fábricas que demandam energia elétrica, sendo plenamente assegurado o fornecimento de comestíveis na cidade. Foi proibida a venda de álcool. Apenas ressentiu-se a população de uma pequena falta de lenha, devido à paralisação completa dos veículos.²⁰

Poucos dias depois do fim da greve, mais precisamente no dia 4 de agosto de 1917, um artigo escrito por Hugo Reis no Diário dos Campos não deixa dúvidas sobre o seu entendimento sobre o que era o socialismo no viés cristão-humanitário e antirrevolucionário que ele professava. Mais do que isso, o artigo expressa a construção de uma consistente rede de relações entre Hugo e figuras expressivas do cenário político ponta-grossense. Escreve:

O operariado de Ponta Grossa, desejando manifestar seus agradecimentos ao senhor doutor Flavio Carvalho Guimaraes, capitão Paschoalino Provesiero, tenente Alberto Manhães Flores, e outros cavalheiros que fizeram parte da comissão interventora da greve local, pretendia a realização de uma grande demonstração de apreço àqueles cidadãos. Estes, por nosso intermédio, e penhoradíssimos, agradecem o belo movimento de coração generoso do operariado pontagrossense, porém, pedem que se não realize tal manifestação por serem adeptos de uma sublime doutrina filosófica que manda praticar o bem sem ostentação.²¹

É possível concluir que a tal doutrina “filosófica” à qual o texto se refere é o espiritismo e que tais figuras haviam ingressado no kardecismo por influência direta de Reis. Mais do que isso, eles passaram a ser interlocutores das ideias disseminadas pelo jornalista.

Em outro extremo, encontra-se Adolpho Paulista. O alfaiate foi banido por Reis das páginas do Diário dos Campos e dos documentos da Sociedade Operária. Após sua expulsão do movimento grevista, seu nome nunca mais foi citado no jornal local – mesmo que em propagandas de sua casa comercial – e das atas da Sociedade. O esquecimento imposto pelo jornalista ao militante anarquista certamente ajudou a compor o imaginário social ponta-grossense a partir de então. Vê-se assim, como Hugo Reis contribuiu por meio de suas práticas discursivas para criar representações a respeito dos trabalhadores e da ordem social ponta-grossense.

As questões nacionais-nacionalistas e o alinhamento com Rui Barbosa, jurista e político brasileiro reconhecido no período com um dos mais brilhantes intelectuais brasileiros e representante de segmentos sociais urbanos contra o modelo da Primeira República, também caracterizaram o posicionamento de Hugo Reis nas páginas do Diário. Exemplo disso, o texto assinado por ele em 4 de junho de 1917 no qual escreve sobre a postura do governo brasileiro durante a I Guerra Mundial:

Pela política Lauro o Brasil não estava com a Alemanha porque o povo era a favor dos Aliados; não estava com os Aliados porque o governo era medrosamente neutro, e desautorizou as palavras de Rui Barbosa em Buenos Aires, conservando-o pro consequente, “neutro diante do crime”; não estava com os Estados Unidos, a quem respondera, no caso de declaração de guerra à Alemanha que ficava “sciente”. Não estava com o ABC porque o Congresso Argentino não ratificou o Tratado. Em suma: estava só.²²

Ainda no mesmo contexto, no dia 31 de outubro escreveu um artigo denominado “Tudo pela liberdade”, no qual explicitou:

A América, além de ser fisicamente um mundo novo, é, e nisto está a sua glória e o seu futuro, um mundo novo moral. Rui Barbosa criou a teoria excelsa da igualdade de soberania de nações. Amaro Cavalcanti imaginou a sociedade das nações para impedir, mesmo pela força, a guerra entre as potências armadas. Wilson, repetiu par a par as palavras de Pedro II, quando na América do Norte rebentou a guerra da Secessão, agora a entrada dos Estados Unidos no Conflito Europeu. A política Continental Americana é o moralismo transplantado do norte para o sul americano... a liberdade está, pois, solenemente defendida pela humanidade contra a barbárie. É de notar que essas grandes ideias, é incontestável, foram nascidas no Brasil e procriadas no gênio brasileiro. É um grande serviço que a nossa Pátria prestou à humanidade. Quando em 1907, o grande Rui, na defesa de igualdade e de soberania das nações, enfrentou o Barão de Marshal, o representante teuto, este perguntou-lhe, ironicamente: “Onde está o exército e a armada do Brasil?”. Respondemo-nos: - no coração do povo. – no talento de seus gênios... nesse coração vibrante e rubro, que a cada pulsação diz – pátria! pátria! – sempre: pátria! nesses cérebros poderosos de filhos meus de escola, em que a liberdade mora, em que ela é perpetua e perene, pensamento de todos os momentos, pensamentos de todos os instantes! Eis a resposta do Brasil.²³

Em 6 de novembro de 1917, Hugo reitera seus princípios no artigo “Clube dos Aliados”, no qual registra:

Aos brasileiros, franceses, italianos, ingleses, norte-americanos, portugueses, belgas, russos, sérvios, sírios, japoneses, cubanos, chineses, romenos, montenegrinos, em guerra declarada ao império alemão. O Diário dos Campos preliminarmente entendido como as colônias estrangeiras que têm representação nesta cidade, convida-as para apoiarem um bloco de patriotas brasileiros que nesta cidade pretende fundar o Clube dos Aliados para a defesa do Brasil, contra o império alemão. Amanhã, às sete horas haverá uma reunião preliminar no Teatro Renascença.²⁴

Consideramos, portanto, que Hugo foi uma figura que, a partir de suas estratégias discursivas contribuiu para a construção de um imaginário coletivo e para o estabelecimento de algumas representações sociais na cidade no período em que viveu em Ponta Grossa. Se tomarmos por base as reflexões do historiador Bronislaw Baczko, podemos compreender que ao produzir seus discursos, Hugo Reis atuou como um “guardião do sistema”:

... ao produzir um sistema de representações que simultaneamente traduz e legitima a sua ordem, qualquer sociedade instala também “guardiões” do sistema que dispõem de uma certa técnica de manejo das representações e símbolos... os guardiões do imaginário social são, simultaneamente, guardiões do sagrado. A margem de liberdade e inovação na produção de todas as representações colectivas, em especial na dos imaginários sociais, é particularmente restrita. O simbolismo da ordem social, da dominação e submissão, das hierarquias e privilégios, etc., é quantitativamente limitado, ao mesmo tempo que se caracteriza por uma fixidez notável.²⁵

3. Novos corpos documentais, novas descobertas

Em 1924 Hugo Reis decidiu voltar para São Paulo, cidade na qual residia quando chegou em Ponta Grossa. No ano de 1934, uma década após a sua partida, ele morreu, aos 50 anos de idade. Sua viúva e filhos continuaram residindo na capital paulista e não mantiveram mais contato com Ponta Grossa.

Em 2005, Ana Maria Tebar, filha de Teo Reis e neta de Hugo, encontrou um pequeno artigo na internet falando sobre o seu avô durante o período em que ele trabalhou no Diário dos Campos e que, coincidentemente, foi escrito por mim. Curiosa e em busca de mais informações, a neta de Hugo Reis escreveu um email se apresentando e pedindo que eu falasse mais a respeito de seu avô. Esse contato resultou no envio de alguns textos e livros que havia escrito e nos quais Hugo Reis era citado. Como retribuição, Ana Tebar enviou um conjunto de documentos do seu avô que haviam ficado sob a guarda de Teo, já falecido naquele momento.

O material que me foi confiado em definitivo pela família contém alguns documentos xerocopiados (título de eleitor, fotos, telegramas, etc.); um exemplar de uma edição especial do Diário dos Campos, composto por textos psicografados por Reis, com destaque para o poema “A túnica de Cristo”, considerado o principal texto escrito por ele no campo do espiritismo; carta enviada pelo secretário de Educação de Ponta Grossa – Antônio França Satiro – convidando a família para o lançamento do livro Cinco Histórias Convergentes (1969) no qual Hugo Reis é um dos personagens centrais; um conjunto de mais de 50 textos manuscritos por Hugo durante o período em que ele residiu em Ponta Grossa. Não há informação se esses textos foram enviados aos personagens homenageados por Hugo Reis ou se, simplesmente, ele escreveu e guardou para si. Certo é que eles não foram publicados no Diário dos Campos. Essa documentação ficou sob minha guarda até o começo de 2019, quando foi repassada ao centro de documentação do Museu Campos Gerais que recebeu o nome de “Acervos Históricos Hugo Reis” em reconhecimento a contribuição do jornalista para a cultura e a história ponta-grossense.

Os manuscritos (transcritos por Olga de Borja Reis, filha mais nova de Hugo) são bastante significativos no que respeita a amplitude de temas explorados pelo jornalista e principalmente pelos interlocutores e homenageados por ele nesses escritos.

Hugo expressa as lógicas de “seu tempo”. Convencido que sua atividade de jornalista trazia consigo a missão de educar e civilizar as pessoas (sensação que se amplia por conta do seu alinhamento ao kardecismo e as premissas dessa doutrina). Os textos escritos por ele, tanto os publicados em jornais e revistas do período como aqueles que estão inéditos até hoje, apontam para tal perspectiva.

De certa forma, podemos compreender a produção escrita de Hugo Reis como a forma encontrada pelo jornalista fixado na periferia (aqui me refiro a noção de pensamento periférico que tem sempre como referência o/s centro/s intelectuais) para manter contato, para dialogar com intelectuais que circulavam nos grandes centros, como Curitiba, São Paulo ou Rio de Janeiro.

Seus escritos serviam para romper o isolamento intelectual, para produzir um intercâmbio (ainda que não se tenha registro de retorno desses escritos por parte de seus interlocutores). Os manuscritos de Hugo Reis que ora analisamos revelam visões de mundo, posicionamentos, ideias, convicções, princípios. Mais do que isso, evidenciam que Reis não estava sozinho nas causas que encampava, ele encontrava respaldo nos intelectuais do período que transitavam pelos campos da política, da espiritualidade, do pensamento social, da pedagogia, e isso o fortalecia diante da opinião pública ponta-grossense. Definitivamente, ele não era uma voz errante a pregar no deserto. Ao estabelecer esse diálogo periferia-centro ele se integrava a um grupo, ele se inseria em uma rede, ele se alinhava a uma geração de intelectuais.

A documentação ora analisada evidencia a preocupação de Hugo Reis em demonstrar que o saber científico e a cultura expressavam aquilo que a humanidade mais devia valorizar, pois ambos eram portadores da verdade, capazes de produzir o por vir venturoso, a evolução humana tão ambicionada pelos intelectuais daquele período histórico.

3.1 Os interlocutores

Ao percorrer o conjunto de manuscritos produzidos por Hugo Reis encontramos textos espíritas, poemas, cartas e poesias escritas para sua namorada – posterior esposa – Rosália de Almeida Barros –, um roteiro de peça de teatro que transcorria na redação de um jornal (possivelmente traduzindo em palavras o cotidiano no Diário dos Campos). Nesse conjunto de documentos não há nenhum com teor jornalístico, o que expressa o olhar e atuação de Hugo Reis para além desse campo.

Muitos textos – na forma de versos, poesia ou prosa – são dedicados pelo autor a figuras contemporâneas e que tiveram intensa participação no campo político, religioso e cultural no período. Ao percorrermos a biografia dos homenageados encontramos vários pontos em comum e notamos que eles influenciaram os posicionamentos do Reis.

Entre os interlocutores de Hugo estavam:

Artur Lins de Vasconcelos Lopes
*São Paulo 1891 – †São Paulo 1952

- Engenheiro agrônomo (Escola Superior de Agronomia de Curitiba);
- Empresário;
- Presidente da Federação Espírita do Paraná entre 1916 e 1934;
- Integrante da Liga Brasileira contra o Analfabetismo;
- Organizador do II Congresso Espírita Paranaense (Ponta Grossa, 1912).

A Escrípta
Para Lins de Vasconcellos

Do verso abça-me as columnas, tui o' genio,
ahi onde estás, no fuste immaculado,
no marmore grego. Cio bello, teu ser, sereno:
— o diaphano corpo, astral, illuminado,

Assim qual Jesus, ou tal um sabio essenio.
As azas no cio abertas, no doirado
espalmas, auríola á fronte, no proscenio
do espaço, anjo, sempre em te ar assim. Tado

Amigo e bom! a penna-essa retta-agita.
mergulha-a aqui no meu seio doloroso,
bem no coração, no sangue generoso.

Depois riscarás no infinito azul formoso
ou no oiro do céu que a tua aza halita,
o misterio do verso e prosa, a leida escrípta

Ponta Grossa 6-5-1918

Hugo Reis

Sebastião Paraná de Sá Sottomaior

*Curitiba 1864 – †Curitiba 1938

- Advogado (Faculdade de Direito do Rio de Janeiro);
- Escritor, professor, político;
- Oriundo de família tradicional na política paranaense;
- Publicou diversas obras no campo da geografia e da história;
- Publicou um compêndio com biografias de personalidades paranaenses;
- Em 1905 foi nomeado secretário da Junta Comercial do Paraná;
- Foi professor de direito na Universidade Federal do Paraná;
- Integrou o Centro de Letras do Paraná e a Academia Paranaense de Letras;
- Foi fundador da Federação Espírita do Paraná;
- Atuou como jornalista em Curitiba;
- Foi Secretário do Interior e Justiça do Paraná na década de 1920.

Poesia Científica
Para o Dr. Sebastião Paraná

Da terra o consorcio eterno — a lei atômica —
casa e divórcio, e justa a vida à vida.
No céu a divina lei há. É astronômica,
a mínima estrella a máxima convidada.

—

Nas almas — o amor — ah! que tragedia gromica
no mar e no ar, luz, rol, lua... Extremecida
Psyché, d'amor amada, olha! a carne e vómica
ao pé desse amor e Rimini incendiada.

—

Pensar; sentir ciúme e dor, amar, ter pejo;
- Luzir! (Psychométrico orbe / almas radiosas.)
A planta, o metal emite o seu lampejo;

—

suspira... o ar meigo e meigo um amante harpejo;
passa... a água cantando histórias amorosas;
crepita... o fogo, intimo, arduo, um desejo!

Ponta Grossa 5-5-1918 Hugo Reis

Emiliano David Pernetta

*Curitiba 1866 – †Curitiba 1921

- Advogado (Faculdade do Largo de São Francisco, SP);
- Abolicionista e republicano;
- Pertenceu a geração de poetas que fundou o simbolismo no Brasil;
- Publicou artigos incentivando a leitura de Baudelaire;
- Em São Paulo criou o jornal Folha Literária (1888);
- Foi secretário do jornal Folha Popular (SP) publicando poetas simbolistas;
- Em Curitiba foi jornalista, professor e advogado;
- Criou a revista simbolista Victrix (Curitiba, 1902);
- Foi fundador do Centro de Letras do Paraná e seu presidente (1913-1918).

10º

Ilusão

(Para Emiliano Pernetta)

"Se eu morresse amanhã..."

Abraços de
Aguedo

Estronda - me a cabeça, um sino, o coração.
Que acorde ou que adormeça! - Ilusão! Ilusão!

Lilinta - me o dantesco, estúpido demônio.
Coração meu grotesco, és socunda ou Petronio

Amor! Amor! Amor! Que o espírito cansado,
E o músculo e o humor de caraca e enluvado,

Que, amou orgias de arte: - o arcis na beldad
- Pensamento, que dar - te essa podridão ha-de?

Ilusão! Ilusão! tange o sino funereo,
Que sem dó nem piedão leva-me ao cemitério.

- Diabolico, e pinicio o de loucos do hospicio

E diga o rei do Inferno, assim de omundo e omuda

- "Vai-te daqui do inferno! És ilusão, virtude!"

Dario Persiano de Castro Vellozo

*Rio de Janeiro 1869 – †Curitiba 1937

- Encadernador e tipógrafo;
- Poeta simbolista;
- Contista, jornalista, professor;
- Membro da Maçonaria;
- Fundador do Instituto Neo-Pitagórico do Paraná (1900);
- Fundador do Movimento Martinista no Paraná;
- Criador de diversas revistas: Azul (1893), O Mosqueteiro (1886), O Cenáculo (1895);
- Autor de mais de 20 livros;
- Defensor da escola pública, laica, profissionalizante e obrigatória;

Alma
Para Dario Vellozo

De vida a vida a memoria reflôresce
oro espelho da alma, onde o cósmos refrangese.
Qual Sena à Paris, Berráres, sacro, o Ganges,
a margem terreal se vê na alma que desce.

—

Quinstante da luz, eis o espelho que tanges,
e seculo a seculo em ti se esclarece.
Segundo a segundo a luz mais enriquece
o espirito teu. Qual na "chute des Anges",

—

afoga-te o mar-luz, o Deus, a omnisciência.
E eis, da consciência eterna la' no adro,
a historia da vida humana em um só quadro

—

É assim, qual um dia, de Deus, da omnipotência
rolaste, no espaço, em queda tremendíssima,
terás a vidência eterna e reverentíssima.

Porta Grossa, 24-5-918

Hugo dos Reis

Raul Rodrigues Gomes

*Piraquara 1889 – †Curitiba 1975

- Professor formado pelo Ginásio Paranaense;
- Atuou como jornalista em diversos jornais paranaenses;
- Cronista;
- Em 1912 publicou 15 artigos no Diário dos Campos;
- Defensor da educação laica, da arte e da cultura;

Psychologia
Para Raul Gomes

Estupido ao pi de ti me tomo. Quando
devia rir, choro; e me rio aborramente
de tragica historia tua. Suspirando,
me miras, espantada...-ha! bem, sei! Na mente
a duvida, tu, reflectes; - eu, amando?
amando - o? tal homem? nunca intelligente;
que o meu amor, aos esbarros, vai matando
no delle a gelar o meu olhar ardente?

- não sabes que, entanto, finjo indifferente?
e em desagradar te timbro? estracando
o coração? vivos dalma suffocando?

Si dizes-que pensas? - quando estou rismando
ao teu perguntar coincide estar pensando:
- Não, nunca direi que eu amo loucamente

Hugo dos Reis
Ponta Grossa 20-5 918

Miguel Quadros

*1886 – †Ponta Grossa 1937

- Advogado (Faculdade de Direito do Rio de Janeiro);
- Atuou como jornalista no Diário dos Campos;
- Presidiu a Ordem dos Advogados do Brasil no Paraná.

Santa
Para o meu amigo Miguel Quadros

Por um esforço extremo, um dia fui distante
De mim mesmo. Extraordinário, este sucesso!
Foi desde então que o teu astral, esposa amante,
Teu espírito em mim jaz para todo o sempre
(impresso)

Minha alma te retrata - imagem fulgurante
E, si, por acaso, de ti eu me despeço,
Viajando ao longe deste corpo, desdobrando,
Inteiramente teu, por tua alma possesso,

Com ti - qual no Pai, Christo-eis-me transfigurado.
Nós somos a Trindade - o Amor aureolado,
Porque és tu mesma, o Deus de minha Providência.

As almas imortais, que importa o morto e o nad?
Se as almas nos confunde o amor apaixonado,
Que importa da matéria a aparente existência

1921
Hugo dos Reis

José Francisco **Rocha Pombo**
*Morretes 1857 – †Rio de Janeiro 1933

- Advogado (Faculdade de Direito do Rio de Janeiro);
- Abolicionista e republicano;
- Professor, historiador, político, literato, escritor;
- Fundou jornais em Morretes e em Castro;
- Tentou criar uma Universidade no Paraná;
- Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Consciência eterna

Para Rocha Pombo

Os annos correndo, em seculos futuros,
Apprenderá o homem que é-existente-a historia,
que o crime mais negro, a acção de maior gloria,
conservam a luz, seus claros ou escuros,

que o espaço transpondo, é eterna essa memoria!
É que, dentro em si mesmo, o homem vê mais puro
os quadros que vão da vida além dos annos.
Perispiritalis visões! Ah, rememore-a,

—

Esta humanidade, em si, eternamente,
a vil guerra atroz, os crimes do presente,
ouvindo a voz dos celestes palinuros,

—

Espelho concorre, dos olhos á frente,
do humano soffrer, horrida esta torrente:
- as vagas de sangue dos corações impuros.

Ponta Grossa 28-6-918 Hugo do Reis

Rui Barbosa de Oliveira

*Salvador 1849 – †Petrópolis 1923

- Advogado (Faculdade de Direito de São Paulo);
- Jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor;
- Abolicionista e republicano;
- Filiado ao espiritismo;
- Um dos principais articuladores políticos do início da República;
- Ministro da Fazenda no governo provisório da República;
- Senador da República (1890-1894);
- Autor do texto final da Constituição republicana de 1891;
- Escreveu o texto da Reforma do Ensino 1883;
- Defensor dos direitos e garantias individuais e do federalismo político;
- Fundador da Academia Brasileira de Letras e seu presidente (1908-1919);
- Candidato à presidência da República (1910).

Rui Barbosa
to Amazonas

Os Andes, o Amazonas, os rios de ouro,
sobre o relevo - o solo americano.
Em todo o seu Inferno Verde, desde o estuário
da pororóia ao lago inca e peruano,

o peixe da água a terra enlaga. Louro
da Tára o culto a Lympha corta ufano.
Miragem - da amazona. o espectro mouro -
perpassa, às margens. Rio - rei brasileiro!

como o verbo é, flues, do monte ao oceano,
da glória andina, ao deus-mar soberano,
qual licere é, imperador do fero.

Na imagem - a eloquência e o rio - immano
ao Nilo, de saber sobre-humano
o que da patria tem a palma e o lemo.

Ponta Grossa 13-8-918

Hugo dos Reis

Juvêncio de Araújo Figueiredo

*Nossa Senhora do Desterro 1865 – †Florianópolis 1927

- Tipógrafo;
- Poeta simbolista;
- Escreveu para vários jornais brasileiros;
- Filiado ao espiritismo.

1931

Visão Eterna

Para Araújo Figueiredo

Quando minha alma ^{está} quieta e meu coração
tranquilo, e a terra dorme ao luar serenamente,
O espírito em Jesus, caio em meditação.....
Vivível, outro mundo, agita-se na mente;

—

Nelle tudo é infinito e incessante a criação.
Esse rachar da luz, que vibra eternamente,
Cinematográfico é, de extraordinária acção.
(Ora-direis - é um louco, um espírito vidente.)

—

A um destes templos vem, conmigo, o creança,
templo que existe dentro o proprio pensamento.
A imagem - é; só ella - ha. - Única esperança

—

da vida imaterial que nos exalta e cansa.
Ahi verás o que se viu - num só momento -
do "Fiat" de Deus ao teu agonico "Memento."

Ponta Grossa 15-10-31

Hugo dos Reis

Este conjunto de textos foi escrito entre 1913 e 1921. Neste caso são basicamente poemas, todos eles trazendo elementos presentes nos discursos que Hugo utilizava nas páginas do Diário dos Campos. Os títulos deixam claro as influências que perpassavam a produção intelectual de Reis. “Poesia Científica”, “Alma”, “Visão Eterna”, “Consciência Eterna” não deixam dúvidas sobre o alinhamento do jornalista com o espiritismo/espiritualidade/transcendência, com uma visão científica de sociedade, com sua preocupação com relação ao conhecimento acadêmico/erudito. As preocupações com as questões nacionais também estão evidenciadas no artigo “Rui Barbosa e o Amazonas” e o amor e as relações humanas aparecem em “Psicologia”, dedicado ao escritor Raul Gomes.

Nesse conjunto produzido por Hugo Reis, nota-se uma tentativa de diálogo entre ele e figuras expressivas do simbolismo no Paraná, muitos deles ligados ao espiritismo, professores, jornalistas, figuras ligadas a agremiações culturais e filantrópicas, maçons e políticos. A defesa da educação laica, da ilustração humana, dos direitos civis, do republicanismo e do abolicionismo (causas vitoriosas no momento da produção dos textos de Reis, mas que marcam tal geração), do saber científico como princípio, perpassam as trajetórias dos interlocutores de Hugo e dele próprio, o que nos permite concebê-lo como um intelectual vinculado a tais premissas.

Persiste ainda uma dúvida que carece de investigação: a vinculação de Hugo Reis a maçonaria. São muitos os indícios que nos levam a crer nessa possibilidade, a começar pelos intelectuais, círculos e redes com as quais ele se vinculava ou simpatizava.

4. Considerações

Em um de seus textos mais conhecidos, o historiador George Duby questiona:

Para que escrever a história, se não for para ajudar seus contemporâneos a ter confiança em seu futuro e a abordar com mais recursos as dificuldades que eles encontram cotidianamente? O historiador, por conseguinte, tem o dever de não se fechar no passado e de refletir assiduamente sobre os problemas de seu tempo.²⁶

Tomando tal reflexão como princípio, este texto pretendeu aproximar a trajetória de seu autor com objetos, problemas e abordagens que atualmente estão postos no campo da história.

Minhas preocupações com a história local nasceram a partir de um processo de renovação departamental, ocorrido há cerca de 30 anos, no qual a escolha de Ponta Grossa como objeto de estudo de toda uma geração acabou por definir o perfil do curso de História na UEPG.

O encontro com o jornal enquanto objeto e fonte de pesquisa se deu em um momento de confluência entre a citada renovação departamental e as mudanças e ampliações no campo da história que se evidenciaram, sobretudo, a partir da década de 1980.

Por sua vez, a aproximação com a história intelectual (e de intelectuais) me fez perceber novas possibilidades de dialogar com uma fonte (o jornal impresso) com a qual já vinha dialogando desde o ano de 1990.

Decorrente desse processo, a figura de Hugo Reis e sua trajetória como jornalista em Ponta Grossa no início do século XX, desvelou-se como um objeto a ser desvelado com novos olhares. A existência de um segundo corpo documental, os manuscritos deixados por ele, motivou a produção deste texto.

Pierre Vilar argumenta que “a história é um conjunto dentro do qual existem intercomunicações contínuas”²⁷ e tomando tal premissa por base foi que vislumbrei a possibilidade de retomar o diálogo com uma fonte já conhecida, agora dirigindo o olhar para

um ator específico – aqui compreendido como um intelectual regional - que contribuiu, por meio de suas estratégias discursivas, com a produção de representações sociais e com a criação de um imaginário coletivo que acabaram por determinar a identidade ponta-grossense a partir de então.

A vinculação geracional de Hugo Reis com causas, lógicas e valores próprios, notadamente àqueles vinculados a cientificidade, a cultura erudita, a defesa de determinadas questões nacionais, a ilustração fez com ele transformasse as páginas das revistas e dos jornais em que publicou seus textos (notadamente o Diário dos Campos) em trincheiras para o seu pensamento.

5. Notas

1. Texto originalmente apresentado para ascensão para Professor Associado do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa e para a obtenção de título de Livre-Docência.
2. CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
3. CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, Cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 40.
4. LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 114.
5. RODRIGUES, José Honório. Teoria da História do Brasil: Introdução Metodológica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1949.
6. PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
7. CHAVES, Niltonci Batista; KARVAT, Erivan Cassiano. Intelectuais, Discursos e Instituições: Relações entre a história intelectual (e/ou de intelectuais) e a história local (Reflexões sobre possibilidades de pesquisa). VI Congresso Internacional de História. Maringá. 2013. Mídia digital.
8. Idem.
9. Idem.
10. VILHENA, Luis Rodolfo. Os intelectuais regionais: Os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 11, n. 32.
11. SAID, Edward. Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005, p. 27.
12. HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. Ponta Grossa: EdUEPG, 2004, p. 273.
13. MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008, p. 35.

14. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Moderna República velha: um outro ano de 1922. Revista IEB, São Paulo, n. 44, p. 59-88, 2012.
15. Jornal O Progresso. Ponta Grossa, 17 de junho de 1909.
16. Idem.
17. Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 25 de julho de 1917.
18. Ata da Sociedade Operária Beneficente. Ponta Grossa, 20 de julho de 1917.
19. Ata da Sociedade Operária Beneficente. Ponta Grossa, 23 de julho de 1917.
20. Ata da Sociedade Operária Beneficente. Ponta Grossa, 22 de julho de 1917.
21. Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 04 de agosto de 1917.
22. Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 04 de julho de 1917.
23. Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 31 de outubro de 1917.
24. Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 06 de novembro de 1917.
25. BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, p. 299-300.
26. DUBY, Georges. Ano 1000 Ano 2000. Na pista de nossos medos. São Paulo: UNESP, 1998, p. 32.
27. VILAR, Pierre. A memória viva dos historiadores. In: BOUTIER, Jean; DOMINIQUE, Julia (orgs.). Passados recompostos: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: UFPR/FGV, 1998, p. 282.

6. Anexos

A escrita – Para Lins de Vasconcelos

Autoria Hugo Reis – 06 de maio de 1918

Transcrição Ana Tebar

A ESCRITA

PARA LINS DE VASCONCELLOS

Do verso alça-me às colunas, tu ó gênio,
aí onde estás, no fuste imaculado,
no mármore grego. Ao belo, teu ser ceneo:
--- o diáfano corpo, astral, iluminado,

assim qual Jesus, ou tal um sábio essênio.
As asas no céu abertas, no doirado
espalmas, auréola à frente, no proscênio
do espaço, anjo, sempre te vi assim. Fado

amigo e bom! a pena – essa seta – agita.
Mergulha-a aqui no meu seio doloroso
bem no coração, no sangue generoso.

Depois riscarás no infindo azul formoso
ou no oiro do céu que a tua asa habita,
o mistério do verso e prosa, a lei da escrita.

Ponta Grossa, 06/05/1918

HUGO DOS REIS

Poesia Científica – Para Sebastião Paraná

Autoria Hugo Reis – 05 de maio de 1918

Transcrição Ana Tebar

POESIA CIENTÍFICA

PARA O DR. SEBASTIÃO PARANÁ

Da terra o consórcio eterno – a lei atômica –
casa e divorcia, e junta a vida à vida.
No céu a divina lei há. É astronômica,
a mínima estrela a máxima convidada.

Nas almas - o amor ... ah! que tragédia gnômica
no mar e n'ar, luz, sol, lua ... Estremecida
Psiquê d'amor amada, olha ! a carne é vômica
ao pé desse amor e Rimini incendiada.

Pensar: sentir ciúme e dor, amar, ter pejo;
-- Luzir ! (Psicométrico orbe ! almas radiosas)
A planta, ó metal emiti o seu lampejo;

suspira ... o ar meigo e meigo um amante harpejo;
passa ... a água cantando histórias amorosas;
crepita ... o fogo, íntimo, árduo, um desejo !

Ponta Grossa, 05/05/1918

HUGO REIS

Ilusão – Para Emiliano Pernetta

Autoria Hugo Reis – 19 de julho de 1917

Transcrição Ana Tebar

ILUSÃO

PARA EMILIANO PERNETTA

"Se eu morresse amanhã ... "

Álvares de Azevedo

Estronda-me a cabeça, um sino, o coração,
que acorde ou que adormeça: - Ilusão ! Ilusão !

Tilinta-me o dantesco, estúpido demônio.
Coração meu grotesco, és corcunda ou Petrônio ?

Amor ! Amor ! Amor ! Quer o espírito cansado;
E o músculo é o horror de casaca e enluvado,

que, amou orgias de arte : o vício na beldade
-- pensamento, que dar-te essa podridão há-de ?

Ilusão ! Ilusão ! tange o sim funéreo,
que sem dó nem perdão leva-me ao cemitério.

-- Diabólico, epinício o de loucos do hospício,
E diga o rei do Averno, assim de mundo em muda:

-- " Vai-te daqui do inferno ! És ilusão, virtude !
-- Seja-te o céu propício ! és ilusão, ó vício !"

Ponta Grossa, 19/07/1913

HUGO DOS REIS

Alma – Para Dario Vellozo

Autoria Hugo Reis – 25 de maio de 1918

Transcrição Ana Tebar

ALMA

PARA DARIO VELLOSO

De vida a vida a memória refloresce
no espelho da alma, onde o cosmos refranges.
Qual Sena a Paris, Benáres, sacro, o Ganges,
à margem terreal se vê na alma que desce...

O instante da luz, eis o espelho que tanges,
e século a século em ti se esclarece.
Segundo a segundo a luz mais enriquece
o espírito teu. Qual na " chûte dês Anges",

afoga-te o mar-luz, o Deus, a onisciência.
E vês, da consciência eterna lá no adro,
a história da vida humana em um só quadro.

E assim, qual um dia, de Deus, da onipotência,
rolaste no espaço, em queda tremendíssima,
terás a vidência eterna e sereníssima.

Ponta Grossa, 25 / 05 / 1918

HUGO DOS REIS

Psicologia – Para Raul Gomes

Autoria Hugo Reis – 25 de maio de 1918

Transcrição Ana Tebar

PSICOLOGIA

PARA RAUL GOMES

Estúpido ao pé de ti me torno. Quando
devia rir, choro; e me rio alvarmente
da trágica história tua. Suspirando,
me miras, espantada... há ! bem sei! Na mente

a dúvida, tu, refletas: - eu, amando ?
amando-o ? tal homem ? nunca inteligente ?
que o meu amor, aos esbarros, vai matando ?
no dele a gelar o meu olhar ardente ?

- não sabes que, entanto, finjo indiferente ?
e em desagradar-te timbro ? estraçoando
o coração ? uivos dalma sufocando ?

Se dizes – que pensas ? – quando estou cismando,
ao teu perguntar coincide estar pensando:

- Não, nunca direi que eu a amo loucamente!

Ponta Grossa, 20/05/1918

HUGO DOS REIS

Consciência Eterna – Para Rocha Pombo

Autoria Hugo Reis – 28 de junho de 1918

Transcrição Ana Tebar

CONSCIÊNCIA ETERNA

PARA ROCHA POMBO

Os anos correndo, em séculos futuros,
aprenderá o homem que é - existe - a história,
que o crime mais negro, a ação de maior glória,
conservam a luz, seus claros ou escuros.

que o espaço transpondo, é eterna essa memória !
E que, dentro em si mesmo, o homem vê mais puros
os quadros que vão da vida além dos muros.
Perispirituais visões ! Ah, rememore-a,

Esta humanidade, em si, eternamente,
a vil guerra atróz, os crimes do presente,
ouvindo a voz dos celestes palinuros,

Espelho conserve, dos olhos à frente,
do humano sofrer, hórrida esta torrente:
- as vagas de sangue dos corações impuros.

Ponta Grossa, 28/06/1918

HUGO DOS REIS

Rui Barbosa e o Amazonas

Autoria Hugo Reis – 13 de agosto de 1918

Transcrição Ana Tebar

RUI BARBOSA E O AMAZONAS

Os Andes, o Amazonas, os sóis de ouro,
sobre o relevo – o solo americano.
Em todo o Inferno verde, desde o estouro
da pororoca ao lago inca e peruano.

O polvo d'água a terra enlaça. Louro
da Iara o vulto a linfa corta ufano.
Miragem – da amazona o espectro mouro –
perpassa, às margens. Rio-rei brasileiro !

Como o verbo és, fluis do monte ao oceano,
da glória andina, ao deus-mar soberano,
qual Cícero és, imperador do foro.

Na imagem – a eloquência e o rio-irmão
ao Nilo, de saber sobre-humano
o que da pátria tem a palma e o louro.

Ponta Grossa, 13/08/1918

HUGO DOS REIS

Santa – Para Miguel Quadros

Autoria Hugo Reis – 1921

Transcrição Ana Tebar

SANTA

PARA O MEU AMIGO MIGUEL QUADROS

Por um esforço extremo, um dia fui distante
de mim mesmo. Extraordinário, este sucesso !
Foi desde então que o teu astral, esposa amante,
teu espírito em mim jaz pra todo o sempre impresso.

Minha alma te retrata – imagem fulgurante.
E, se, por acaso, de ti eu me despeço,
viajando ao longe deste corpo desdobrante,
inteiramente teu, por tu'alma possesso.

Em ti – qual no Pai, Cristo – eis-me transfigurado,
nós somos a Trindade – o Amor aureolado,
porque és tu mesma, o Deus de minha Providência.

Às almas imortais que importa o morto e o nada ?
se as almas nos confunde o amor apaixonado,
que importa da matéria a aparente existência .

1921

HUGO DOS REIS

Visão Eterna – Para Araujo Figueiredo

Autoria Hugo Reis – 15 de outubro de 1921

Transcrição Ana Tebar

VISÃO ETERNA

PARA ARAUJO FIGUEIREDO

Quando minh'alma está quieta e meu coração
tranquilo, e a terra dorme ao luar serenamente,
o espírito em Jesus, caio em meditação ...
Visível, outro mundo, agita-se, na mente.

Nele tudo é infinito e incessante a criação.
Esse radiar da luz, que vibra eternamente,
cinematógrafo é, de extraordinária ação.
(Ora – direis – é um louco, um espírita vidente).

A um destes templos vem, comigo, ó criança,
templo que existe dentre o próprio pensamento.
A imagem – é; só ela – há . - Única esperança

da vida material que nos exalta e cansa.
Aí verás o que se viu – num só momento –
do "Fiat" de Deus ao teu agônico "Memento".

Ponta Grossa, 15/10/1921

HUGO DOS REIS